

O VALOR PEDAGÓGICO DA FRUSTRAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA NA INFÂNCIA

Magda Wille¹
Cláudia Eliane Ilgenfritz²
Cleusa Inês Ziesmann³

RESUMO

O desenvolvimento infantil envolve dimensões cognitiva, motora, afetiva e social, nas quais as frustrações constituem elemento essencial na formação do controle emocional, da empatia e da resiliência. O objetivo deste estudo é analisar a importância pedagógica da frustração na educação infantil e compreender como situações vivenciadas no cotidiano podem favorecer a construção da resiliência. A fundamentação teórica apoia-se em Goleman (2012), que descreve o papel da cíngula anterior e o córtex pré-frontal na regulação de impulsos e emoções, e em Vygotsky (1991) que destaca a importância das interações sociais na internalização de funções psicológicas superiores. A metodologia consistiu na observação, documentação e reflexão realizada no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado: Educação Infantil I, no qual foi desenvolvida a atividade “confecção de Avião e Barco de Papel” - alinhada à BNCC (2018). A proposta envolveu observação, dobraduras e brincadeiras ao ar livre, permitindo que as crianças exploraram os meios de transporte considerando as limitações do papel em contato com a água. Os resultados mostram que a insistência de uma criança em deixar o barquinho na água, seguida da frustração e choro pela perda, possibilitou a mediação da professora para acolhimento emocional e explicação da relação de causa e efeito. As crianças exercitam autorregulação ao lidar com limites, negociações e consequências, construindo bases para a inteligência emocional. A amígdala cerebral impulsiona reações instintivas, reguladas pelo córtex pré-frontal - ainda em desenvolvimento na infância - o que explica respostas emocionais intensas. Abordagens como de Reggio Emilia, provocam para que sejam construídas soluções coletivas por meio do diálogo e da negociação. Conclui-se que as frustrações mediadas adequadamente favorecem a construção da tolerância a “não”, da persistência e da empatia, transformando desconfortos em aprendizagens. Professores, como guias emocionais, contribuem com este processo ao estabelecer rotinas previsíveis e ao promover escuta ativa, fortalecendo resiliência e interações saudáveis.

Palavras-chave: Educação Infantil, Inteligência Emocional, Mediação Docente, Desenvolvimento Infantil.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, magda.wille@estudante.uffs.edu.br;

² Pós-Doutora e Doutora em Educação nas Ciências. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologias em Geografia, História e Ciências Sociais – EMGEOHCS, Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências (PPGEC) - UFFS, Campus Cerro Largo. Email: claudia.ilgenfritz@uffs.edu.br

³ Doutora em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo, Orientadora, contato: cleusa.ziesmann@uffs.edu.br



INTRODUÇÃO

A educação infantil constitui-se como etapa fundamental para o desenvolvimento integral da criança, contemplando dimensões cognitivas, motoras, afetivas e sociais. Nesse contexto, as experiências vivenciadas no cotidiano escolar assumem um papel significativo na construção das primeiras aprendizagens emocionais, especialmente no que se refere à capacidade de lidar com frustrações, limites e desafios. Ainda que muita das vezes a frustração seja compreendida negativamente, ela é parte fundamental no processo de amadurecimento infantil e contribui significativamente com o desenvolvimento da autorregulação, da empatia e da autonomia.

Na escola, as situações que se opõem aos desejos da criança são constantes e exigem sensibilidade do professor. A maneira com que os adultos lidam com essas situações podem transformar um momento difícil em grandes oportunidades de aprendizagem. Quando se compreende o valor pedagógico da frustração passa-se a compreender sua importância no processo de desenvolvimento socioemocional infantil.

Diante disto, este artigo visa analisar o valor pedagógico da frustração na Educação Infantil, a partir de um relato de experiência vivenciado durante o Estágio Curricular Supervisionado: Educação Infantil I. Busca-se aqui refletir sobre como a mediação docente pode favorecer a construção da resiliência, tolerância ao não, persistência e empatia, transformando situações de frustração em possibilidades de aprendizagem.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de relato de experiência de natureza qualitativa e descritiva, focado em uma situação do cotidiano da educação infantil. A análise parte de uma observação decorrente de uma das propostas realizadas no Estágio Curricular Supervisionado: Educação Infantil I, realizado como parte integrante da formação acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), do campus Cerro Largo.

A proposta foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Pingo de Gente, localizada em Cândido Godói/RS, com a turma do Maternal 1, com crianças na faixa etária de



2 a 3 anos. Dentre as observações e interações realizadas destaca-se aqui a atividade - Confeção do Avião e Barco de Papel - a qual teve como objetivos:

vivenciar com desafios e brincadeiras com o corpo, desenvolvendo noções de bem-estar e autoconfiança; Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros. Brincar ao ar livre, em contato com elementos naturais, diariamente, e por um tempo significativo (BRASIL, 2018).

Na atividade, as crianças exploraram os meios de transporte, pela observação, confecção e experimentação com dobraduras simples. No primeiro momento, os alunos visualizaram imagens e brinquedos de aviões e barcos e foram convidados a participar de uma conversa sobre suas características. Na sequência, participaram da confecção dos brinquedos, acompanhando as dobras realizadas pela professora e colaborando para vincar e decorar os modelos com giz de cera. Com os barcos e aviões confeccionados, chegou a hora de brincar com suas produções. Aviões para voar e barcos para navegar.

No momento da experiência com os barquinhos, a professora explicou para as crianças que o papel, ao entrar em contato com a água, teria um tempo limitado de duração, podendo rasgar ou afundar se ficasse por muito tempo em contato com a água. Todos puderam colocar seu barquinho na água e mesmo com a explicação, uma das crianças não seguiu a orientação e insistiu em deixar seu barco na água. Como o esperado e anteriormente explicado pela professora, o barquinho acabou afundando e se desmanchando, com isso o aluno ficou muito frustrado, chorou e não conseguiu aceitar a perda do brinquedo que havia confeccionado.

A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, articulando as observações registradas no diário de campo com os referenciais teóricos que fundamentam o desenvolvimento socioemocional infantil. No processo de análise foram consideradas: a manifestação da frustração, os processos de autorregulação emocional e a mediação pedagógica. A abordagem qualitativa foi escolhida pela busca da compreensão dos significados das experiências vivenciadas no contexto escolar, em especial ao que se refere às emoções e às interações estabelecidas entre criança e professor.

Cabe destacar que as identidades das crianças envolvidas foram preservadas, de forma a respeitar os princípios éticos da pesquisa. A discussão teórica fundamenta-se nas contribuições de Daniel Goleman acerca da inteligência emocional, de Lev Vygotsky sobre mediação e a internalização das funções psicológicas superiores, bem como nos princípios da abordagem de Reggio Emilia, que valoriza a escuta e o protagonismo infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO



O processo do desenvolvimento da etapa infantil é complexo, envolve as dimensões cognitiva, motora, afetiva e social da criança. Nesse sentido, as frustrações fazem parte desse processo, pois permitem que a criança desenvolva a capacidade de lidar com situações em que seus desejos não são atendidos. Essas experiências colaboram para a construção das funções de controle, empatia e resiliência da criança, considerando a importância destas características para a formação da inteligência emocional do ser humano.

Conforme Goleman (2012, p.19) “a cíngula anterior é uma área que gerencia o controle dos impulsos, a capacidade de lidar com nossas emoções, particularmente emoções aflitivas e sentimentos fortes”. Essa área do cérebro tem a função de controlar as emoções, que incluem a frustração, essa tarefa não é natural, precisa ser desenvolvida de forma gradual à medida que as conexões cerebrais se fortalecem. Essa compreensão corrobora com o trabalho do educador infantil, pois esses agentes educacionais passam a perceber que as reações das crianças diante de episódios que contrariam suas vontades fazem parte do seu desenvolvimento e refletem sua imaturidade cerebral.

Nesse sentido, compreende-se que o controle emocional está relacionado à capacidade do cérebro de regular seus impulsos a partir do diálogo entre diferentes áreas, sendo que “a autorregulação da emoção e dos impulsos depende grandemente da interação entre o córtex pré-frontal [...] e os centros emocionais no mesencéfalo” (GOLEMAN, 2012, p. 16). O que significa que nessa perspectiva, observa-se que a criança passa a treinar sua autorregulação, e aos poucos desenvolve habilidades como esperar sua vez, negociações e a compreensão de causa e efeito a partir de suas ações.

As vivências experienciadas na infância são a base para a continuidade de sua vida. Nesse sentido, a forma com que aprendem a resolver situações difíceis vai acompanhá-la durante sua trajetória de vida. Como aponta o autor, “todas as capacidades de inteligência emocional se desenvolvem no currículo da vida, a partir da infância” (GOLEMAN, 2012, p. 14), ou seja, na educação infantil, o ambiente escolar oferece inúmeras oportunidades para que as crianças desenvolvam essa capacidade de autorregulação; Assim, a forma com que os profissionais intervêm nesses momentos pode transformar a frustração em aprendizados.

Como escreve Vygotsky, ao caracterizar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores,

o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (1991, p. 60).



Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), espera-se que na educação infantil sejam oportunizados momentos para

ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (2018).

Nesse sentido, as situações que geram frustração com intervenções acolhedoras, garantem a oportunidade de aprendizagem emocional, o que fortalece a autonomia e a capacidade de lidar com situações difíceis.

Como na proposta de Reggio Emilio, exposta na obra “As Cem Linguagens da Criança”, é coerente a construção coletiva das soluções, onde a criança participa ativamente na solução de seus conflitos, apontando possibilidades, expressando suas ideias, escutando o outro num sistema colaborativo com diálogo e negociação como formas de aprendizagem. Dessa forma, o professor deve garantir ambientes que permitam o desenvolvimento dessas habilidades, isso inclui rotinas previsíveis, escuta ativa e oportunidades de expressão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento da experiência com os barquinhos, a professora explicou para as crianças que o papel, ao entrar em contato com a água, teria um tempo limitado de duração, podendo rasgar ou afundar se ficasse por muito tempo em contato com a água. Todos puderam colocar seu barquinho na água e mesmo com a explicação, uma das crianças não seguiu a orientação e insistiu em deixar seu barco na água. Como o esperado, o barquinho acabou afundando e se desmanchando, com isso o aluno ficou muito frustrado, chorou e não conseguiu aceitar a perda do brinquedo que havia confeccionado.

Nesta situação ficou clara a necessidade de intervenção de algum dos adultos presentes. Logo que se iniciou a conversa com a criança, foi necessário acolher seus sentimentos e retomar a explicação sobre o que acontece com o papel em contato com a água. Assim, o aluno foi provocado a rever seu posicionamento ao não ter seguido a orientação dada inicialmente. Sua ação teve uma consequência desagradável, que gerou sua frustração. A partir de situações como a descrita anteriormente, passamos a compreender a importância das experiências de frustração no contexto educativo, por mais que gere desconforto para a criança, são fundamentais para o desenvolvimento emocional. A mediação é acolhedora, pois oportuniza a construção de estratégias para lidar com perdas, limites e imprevistos.



A reação intensa da criança diante da perda do barquinho evidencia a dificuldade inicial de lidar com a frustração, característica do processo de desenvolvimento infantil. A insistência em manter o barco na água, mesmo após a orientação demonstra não apenas curiosidade e experimentação, mas também a limitação na antecipação das consequências de suas ações. Assim, a frustração surge como uma experiência concreta de aprendizagem, pois permite à criança vivenciar a relação entre ação e reação, mesmo acompanhada de desconforto emocional.

O acolhimento e retomada da explicação sobre o que aconteceu, por parte da professora, mostrou-se parte importante no processo de significação dessa experiência. Não se trata de correção e punição, mas de ajudar a criança a nomear seus sentimentos e compreender o que vivenciou. Dessa forma, contribuímos para a construção da autorregulação, pois a criança percebe que suas emoções podem ser compreendidas e nomeadas. Ou seja, a mediação pode transformar um momento de perda e dificuldade em oportunidade de desenvolvimento emocional.

Além disso, essas situações mediadas com sensibilidade fortalecem o desenvolvimento da autonomia infantil. A compreensão das relações de causa e consequência, colaboram com a capacidade de tolerar frustrações e de encontrar soluções conscientes diante dos desafios. Assim, a experiência aqui analisada demonstra que a frustração não deve ser considerada um obstáculo, mas uma possibilidade de aprendizagem presente diariamente no cotidiano da Educação Infantil, principalmente quando mediada de forma acolhedora e intencional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência vivenciada demonstra que a frustração, quando mediada de forma acolhedora e intencional, constitui-se como elemento formativo no processo de desenvolvimento infantil. O episódio observado demonstrou que, mesmo com a resistência e choro da criança, a intervenção da professora com sensibilidade e acolhimento possibilitou a construção de significados sobre a relação entre causa e consequência.

Nesse sentido, observa-se que o papel do professor de Educação Infantil vai além da organização de propostas pedagógicas, mas envolve também a mediação das experiências emocionais do cotidiano. Ao acolher sentimentos, nomear emoções e promover reflexões sobre as vivências, o educador contribui para o fortalecimento da autorregulação, da autonomia e da capacidade de enfrentar desafios.



Dessa forma, compreende-se que a frustração é parte importante do processo de desenvolvimento infantil e não deve ser ignorada. No âmbito escolar da Educação Infantil, deve ser observada e permitir intervenções que auxiliem as crianças a compreender o que sentem e como reagir. A integração entre práticas pedagógicas acolhedoras e a frustração oportunizam aprendizagens significativas e reforçam o compromisso desta etapa escolar com o desenvolvimento integral das crianças. Assim, a mediação adequada das frustrações contribui não apenas para a autorregulação emocional, mas também para a construção da resiliência infantil, fortalecendo a tolerância ao “não”, a persistência diante de dificuldades e a empatia nas relações.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução: Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GOLEMAN, Daniel. O cérebro e a inteligência emocional : novas perspectivas/Daniel Goleman; tradução Carlos Leite da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

